

O efeito Orloff

Moacir Werneck de Castro

O efeito Orloff, típica criação brasileira, creio que carioca, é a preocupação do momento. Para quem está por fora, cabe dizer que se trata de uma adaptação à conjuntura econômica de um anúncio de televisão, no qual um bebedor da vodca de marca Orloff diz ao irmão gêmeo: "Eu sou você amanhã."

O anúncio, otimista, dá como inexistente o efeito ressaca, e inofensivo o álcool para o organismo de seu consumidor. O que, a ser verdade, constituiria uma façanha universal da bebida brasileira, pois mesmo as melhores vodcas do mundo, como a russa e a polonesa, deixam rastro no freguês; e, sendo cotadíssimas como produto de exportação, se tornam cada vez mais vedadas, pelo alto preço, ao consumo popular local, já que tem dado uma substancial contribuição ao absentismo e outros males sociais. Mas isto é um parêntese.

No sentido corrente, o efeito Orloff (seria melhor escrever Orlov, mas vá lá) é a possível repetição, no Brasil, da crise econômica argentina, caracterizada pela hiperinflação, o desespero do povo, os saques a supermercados.

De um dia para outro a expressão se vulgarizou. Trato de explicá-la em sua origem também para fins precisos de documentação. Imagino, por exemplo, que haverá pesquisadores estrangeiros e nativos distraídos que a esta altura podem estar atribuindo o tão badalado efeito a algum economista soviético por nome Orloff (Ivan Vassilievitch? Vassili Ivanovitch?), cujos trabalhos teriam servido de base à *perestroika*. Outros talvez pensem que a expressão foi inventada em homenagem a um destacado membro da família Orloff, o conde Grigori Grigorievitch, oficial do exército czarista, um dos fundadores da Sociedade de Economia Livre, que preconizou a modernização da agricultura russa e, dizem, era chegado a uma vodcazinha, embora se tratasse de bebida da plebe; para agradar à imperatriz Catarina II, de quem foi amante por longos anos, comprou um diamante que se tornou conhecido como Orloff, uma portentosa jóia da coroa dos tzars, de misteriosa história...

O nosso efeito Orloff é bem menos romanesco. O fato de ter sido promovido a cogitação nacional prioritária revela o quanto andamos assustadiços e vulneráveis, obrigados pela escabrosa realidade a cair do mundo de sonhos megalomaniacos em que nos habituamos a viver.

Fruto genuíno do efeito Orloff é, por exemplo, a febre de estocagem de alimentos que esta folha noticiou há dias. Quem pode, compra, e armazena. Guarda no freezer a carne arisca. Restabelece a usança da despensa bem sortida, com o máximo possível de mantimentos não perecíveis, de latas e material de limpeza. As providências do gênero são tão pouco salvadoras, a longo prazo, quanto a dos donos de automóveis que, ao farejarem no ar o rumor de um aumento de preço do combustível, correm a encher o tanque; mas pelo menos fica a confortável sensação de que algo foi feito para enfrentar o pior.

Muitos economistas têm-se apressado em tranquilizar o povo quanto à incidência do efeito Orloff. Não há que temer a repetição do que ocorre na Argentina, afirmam, alegando as grandes diferenças entre a eco-

nomia de lá e a nossa. Aqui estamos no melhor dos mundos, como também acredita e prega o panglossiano Sarney; não houve sucateamento da indústria, temos enormes saldos no comércio externo, a inflação é braba mas está sendo tenazmente combatida, estamos pagando religiosamente a dívida, etc.

Entretanto, muitos outros economistas pensam justo o contrário. Pois há sempre um reverso da medalha nessas controvertidas questões, e por isso um presidente simplório dos EUA, como foi Harry S. Truman (não lembro onde vi há pouco a referência), dizia temer os seus assessores econômicos, os quais, ao descreverem o inevitável "outro lado", destruíam tudo quanto haviam sustentado na primeira parte da exposição feita para convencer o presidente.

Os economistas impressionados com o efeito Orloff parecem ser hoje a maioria. Aham que o fenômeno da Argentina pode se estender, fácil, fácil, ao Brasil, dado o ritmo fatídico da espiral inflacionária, que nenhum plano consegue deter; e invocam ainda outros fatores que seria longo repetir, em fundamento à crença de que podemos ser avassalados pela peste da hiperinflação. (As situações surgem inopinadamente: vide escândalo da Bolsa de Valores do Rio, admirável exemplo de capitalismo caótico, especulação selvagem e arapuca para otários, capaz de produzir da noite para o dia os mais catastróficos resultados.)

A verdade é que os especialistas não sabem o que vem por aí. Permanecem, tanto quanto nós, leigos, no perigoso terreno dos palpites. A constatação não significa, longe de mim, descrédito na ciência econômica. Ressalta, antes, como evidência solar, a margem de falha humana que existe nas especulações ditas científicas sobre o futuro. O exemplo da China aí está, arrasador. Os técnicos do *staff* do velho Deng Xiaoping, com artes de sabedoria oriental, temperada com acurados estudos sobre as mágicas da economia capitalista, ergueram um arcabouço que devia abrir ao país as portas da prosperidade e da felicidade. Com isso, ganharam fartos elogios dos mestres universitários do Ocidente, entre os quais uma ou outra potestade do Prêmio Nobel. No entanto, o panorama se tornou tenebrosamente incerto quando — abstraídas as reações sociais e políticas — a coisa deu no que deu: um gigantesco descontentamento das massas, o horrível massacre da Praça da Paz Celestial, o recrudescimento da ditadura do partido e do exército.

A realidade desoladora é que ninguém sabe nada de ciência certa sobre o efeito Orloff. Ele se coloca diante de nós como a esfinge: ou tu me decifras ou eu te devoro. Nem o instinto do povo está funcionando, pelo menos por ora, a julgar pelas pesquisas pré-eleitorais que apontam para a crença generalizada numa fraude. Salvo uma reviravolta nessa tendência do voto, hipótese felizmente ainda não descartada, o Brasil está arriscado a embarcar numa aventura desastrosa.

Em situação assim angustiante, no plano pessoal, o poeta Manuel Bandeira dizia que a única coisa a fazer era tocar um tango argentino. Mas essa idéia, transposta para o domínio da economia, cresce assustadoramente em sua dimensão de humor negro: vira presságio fatal. O Amigo da Onça lembraria tocar o *Cambalache*, de Discépolo, que prevê para o ano 2000 a mesma *porqueria*. T'esconjuro!